



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

MYLENA ANDRYELE MELO DE LUNA

***SEXTING* E COMPARTILHAMENTO NA PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES**

AREIA

2021

MYLENA ANDRYELE MELO DE LUNA

***SEXTING* E COMPARTILHAMENTO NA PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba, Campus II, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Ciências Biológicas, entregue no ano de 2021.

Orientadora: Dr^a Anita Leocádia Pereira dos Santos

AREIA

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L961s Luna, Mylena Andryele Melo de.
Sexting e compartilhamento na percepção de adolescentes
/ Mylena Andryele Melo de Luna. - Areia:UFPB/CCA, 2021.
45 f. : il.

Orientação: Anita Leocádia Pereira dos Santos.
TCC (Graduação) - UFPB/CCA.

1. Ciências Biológicas. 2. Escola. 3. Sexualidade. 4.
Internet. 5. Pornografia de vingança. 6. Série de TV.
I. Santos, Anita Leocádia Pereira dos. II. Título.

UFPB/CCA-AREIA

CDU 573(02)

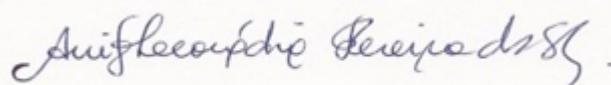
MYLENA ANDRYELE MELO DE LUNA

***SEXTING* E COMPARTILHAMENTO NA PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba, Campus II, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Ciências Biológicas, entregue no ano de 2021.

Aprovado em 22 de julho de 2021

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dra. Anita Leocádia Pereira dos Santos
Orientadora – DCFS/UFPB



Prof^ª. Dra. Maria Betânia Sabino Fernandes
Examinadora - UFCG



Prof^ª. Dra. Rita Cristiana Barbosa
Examinadora - UFPB

Dedico o presente trabalho para minha bisavó, que viveu seus 100 anos de maneira livre, me ensinando que nós mulheres não devemos deixar que ninguém nos cale, além de me ensinar, desde muito nova, a ser livre e me amar da forma que sou. Também dedico a todas as mulheres que já se sentiram violentadas pelo uso indevido da sua intimidade por meio de mensagens, fotos ou vídeos. Além disso, dedico a todas e todos que em algum momento pensaram em abrir mão de conquistar a graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por toda coragem que ele me deu durante essa jornada. Sem o seu cuidado eu jamais poderia ter chegado até aqui.

A minha companheira, Daniela, agradeço profundamente por todo apoio e por jamais me deixar desistir dos meus sonhos, independentemente das dificuldades encontradas, sempre encontrando um jeito de contornar tudo da maneira mais sutil.

Durante essa árdua jornada fui amparada e apoiada por amigas, amigos e familiares. Na Universidade Federal da Paraíba - UFPB pude crescer como profissional e como pessoa e, por isso, quero deixar aqui meu sincero agradecimento aos amigos e colegas de curso pela companhia e por me ajudarem na coleta de dados, bem como a todas as professoras e professores com quem pude aprender durante toda a graduação.

Deixo também o agradecimento à orientadora Anita Leocádia Pereira dos Santos por todo incentivo, aprendizado, cuidado e carinho que me passou durante todo esse período, além das professoras Maria Betânia Sabino Fernandes e Rita Cristiana Barbosa, por se fazerem presentes no momento mais crucial da minha graduação: minha defesa de monografia. A vocês, meu agradecimento e carinho!

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de campo realizada numa escola pública localizada no município de Areia – PB, junto a uma amostra voluntária de 283 estudantes do Ensino Médio, dos turnos manhã e tarde da escola EEFM Carlota Barreira, com idades entre 14 e 20 anos, tendo como objetivo identificar a prática de *sexting* e as percepções sobre o compartilhamento indevido no grupo pesquisado. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa e exploratória, desenvolvido no âmbito do Projeto de Extensão Gênero e Sexualidade em Debate: Educação em Direitos, pelo Fim da Violência 2019. A revisão bibliográfica fundamentada por diversos autores como Willard (2011) e Wanzinack (2014) indica que se torna comum a troca de mensagens com conteúdo sexual e que a problemática do compartilhamento não autorizado do *sexting* atinge principalmente as mulheres, como a pornografia de vingança, demonstrando que as desigualdades de gênero e o machismo continuam presentes nas formas de relacionamentos interpessoais, inclusive nas expressões contemporâneas da sexualidade humana. Os dados foram coletados em setembro de 2019, por meio de questionários e da realização de oficinas pedagógicas, com a exibição do “Episódio cinco” da série *Sex Education* (2019) que aborda a problemática da divulgação de imagens íntimas de uma adolescente no ambiente escolar, seguida de debate. Os resultados dos questionários apontaram que 73.49% dos/das adolescentes voluntários/as na pesquisa, haviam tido contato com envio e/ou recebimento de mensagens com conteúdo sexual. A partir das oficinas pedagógicas os/as adolescentes avaliaram negativamente o compartilhamento não autorizado do *sexting*, e destacaram a importância da união entre adolescentes, especialmente entre as meninas, para o respeito à privacidade. Sendo possível concluir que se tratada com a responsabilidade devida pela escola, o/a adolescente estará mais preparado para compreender sua sexualidade e temas relacionados, diminuindo a propensão à prática do *sexting* e exposição de seus corpos e vidas privadas.

Palavras-chave: escola; internet; pornografia de vingança; série; série de TV; sexualidade.

ABSTRACT

This work presents the results of a field research carried out in a public school located in the municipality of Areia - PB, with a voluntary sample of 283 high school students, from the morning and afternoon shifts of the EEFM Carlota Barreira school, aged between 14 and 20 years, aiming to identify the practice of sexting and the perceptions about improper sharing in the researched group. This is a qualitative and exploratory study, developed within the scope of the Debate Gender and Sexuality Extension Project: Education in Rights, for the End of Violence 2019. The bibliographic review supported by several authors such as Willard (2011) and Wanzinack (2014) indicates that the exchange of messages with sexual content becomes common and that the problem of unauthorized sharing of sexting affects mainly women, such as revenge pornography, demonstrating that gender inequalities and machismo are still present in the forms of relationships interpersonal, including contemporary expressions of human sexuality. Data were collected in September 2019, through questionnaires and pedagogical workshops, with the exhibition of "Episode five" of the Sex Education series (2019) which addresses the issue of disclosing intimate images of an adolescent in the school environment, followed by debate. The results of the questionnaires showed that 73.49% of the volunteer adolescents in the research had had contact with sending and/or receiving messages with sexual content. From the pedagogical workshops, the adolescents negatively evaluated the unauthorized sharing of sexting, and highlighted the importance of unity among adolescents, especially among girls, to respect privacy. It is possible to conclude that if treated with due responsibility by the school, the adolescent will be better prepared to understand their sexuality and related issues, reducing the propensity to practice sexting and expose their bodies and private lives.

Keywords: school; internet; revenge pornography; series; TV series; sexuality.

LISTA DE FIGURAS

Gráfico 1 - Estudantes que praticaram <i>sexting</i> enviando e recebendo - turno manhã	23
Gráfico 2 - Estudantes que praticaram <i>sexting</i> enviando e recebendo - turno tarde	23
Gráfico 3 - Prática do <i>sexting</i> dos estudantes - turnos manhã e tarde	25
Gráfico 4 - Alunos/as que possuem aparelho <i>smartphone</i> - turnos manhã e tarde	26
Gráfico 5 - Dispositivos utilizados para acesso à internet - turnos da manhã e tarde	27
Gráfico 6 – Conceitos apontados pelos/as alunos/as - turno manhã	30
Gráfico 7 – Conceitos apontados pelos/as alunos/as - turno tarde	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
1.1. A expressão da sexualidade através do <i>sexting</i>.....	12
1.2. O fenômeno <i>sexting</i> e resultados negativos da prática na adolescência.....	14
2 METODOLOGIA.....	18
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
3.1 Dados quantitativos acerca do <i>sexting</i>.....	22
3.2 Percepções acerca do <i>sexting</i>.....	27
4 CONCLUSÕES.....	34
REFERÊNCIAS.....	35
APÊNDICES.....	39
Apêndice A – Primeiro questionário.....	39
Apêndice B – Segundo questionário.....	40
Apêndice C – Imagem do primeiro cartaz elaborado pelos alunos do turno da manhã..	41
Apêndice D – Imagem do segundo cartaz elaborado no turno da manhã.....	41
Apêndice E – Imagem do terceiro cartaz elaborado no turno da manhã.....	42
Apêndice F – Imagem do primeiro cartaz elaborado no turno da tarde.....	43
Apêndice G – Imagem do segundo cartaz elaborado no turno da tarde.....	43

INTRODUÇÃO

A tecnologia está cada dia mais presente na vida das crianças e dos/das adolescentes. O telefone celular deixou de ser apenas um meio para efetuar e receber ligações ou mensagens de texto. Atualmente, através dos *smartphones* também é possível enviar fotos, vídeos, e gravações de áudio; são aparelhos celulares que possuem alta tecnologia. De modo mais claro, os *smartphones* são considerados “telefones inteligentes” (COUTINHO, 2014). Para Torres (2009, p.393), o *smartphone* é um “celular que oferece recursos avançados similares aos de um *notebook*” onde é possível se conectar com redes de internet.

Dessa forma, é possível utilizar aplicativos instalados nos *smartphones* através do uso da internet. Certos aplicativos, encontrados para instalação no aparelho, têm como intuitos compartilhar imagens íntimas, marcar encontros, além de possibilitar relacionamentos virtuais.

No que diz respeito ao compartilhamento de imagens, vídeos, mensagens de texto e/ou áudios íntimos, encontra-se o *sexting* como uma das práticas mais relevantes entre os/as adolescentes. Dessa forma, foi criado um termo a partir da união das palavras *sex* (sexo) e *texting* (mensagens de texto) para que fosse possível compreender e elucidar quanto a esta prática, uma vez que, dado o nível de exposição, muitos jovens permanecem expostos/as a diversos perigos através deste tipo de troca.

Boa parte das vezes, os/as jovens expõem as suas imagens de forma voluntária para compartilhamento apenas com seus contatos mais íntimos. Em alguns dos casos, podemos perceber que o/a autor/a de tal exposição busca aceitação dos grupos de amigos ou amigas no qual está inserido. Existindo também a procura pela aceitação do namorado ou namorada, quando o parceiro ou parceira passa a exigir fotos íntimas por meio de chantagens para que o/a jovem reafirme o laço afetivo supostamente existente. Encontram-se também jovens que buscam apenas seduzir outros/as, visando maior popularidade entre pessoas da sua idade.

Todavia, a prática pode se tornar perigosa para todas/os aqueles/as que compartilham, pois existe o risco de que suas imagens ou mensagens de texto sejam divulgadas de forma inadequada, arriscando a segurança e saúde mental do/dá indivíduo/a que teve sua intimidade exposta.

A *SaferNet* Brasil publicou no Brasil em 2009 uma cartilha que tinha como enfoque descrever as características do *sexting*. Além disso, foi realizada uma pesquisa com 2.525 crianças e adolescentes, com idades entre 10 e 17 anos, sendo alunos e alunas da rede pública e particular do Rio Janeiro, Paraíba, Pará e São Paulo. Através dessa pesquisa, foi possível concluir que cerca de 12,1% deles já tiveram fotos íntimas publicadas na internet.

No ano de 2013, foram publicados no G1, no mês de novembro, dois trágicos suicídios causados pelo compartilhamento indevido de imagens. O primeiro ocorreu no interior do Rio Grande Sul, na cidade de Veranópolis, onde uma adolescente de 17 anos enviou uma foto em que expunha seu rosto e seios para um suposto namorado que, posteriormente, compartilhou essa imagem com mais de quatro amigos. O agressor, ainda menor de idade, confirmou o crime e enfatizou nunca ter se envolvido com a vítima. O segundo caso aconteceu em Parnaíba no Piauí: uma adolescente, também de 17 anos, Júlia Vitória, teve seu vídeo íntimo publicado na rede social *Facebook*. No vídeo, Júlia aparecia com outros dois adolescentes. Em outra rede social, no *Twitter*, ela postou uma mensagem onde pedia desculpas à sua mãe, e, horas depois, foi encontrada enforcada com o fio de uma prancha alisadora de cabelo.

O jornal G1 de Belo Horizonte publicou em 2014 um caso que ocorreu na cidade Elói Mendes – MG, com apenas 30 mil habitantes, onde duas adolescentes com idades de 14 e 17 anos tiveram suas fotos íntimas compartilhadas em grupos de WhatsApp. As adolescentes passaram a ser conhecidas na cidade após tal constrangimento, onde ambas pararam os estudos, abandonando a escola por se recusarem a sair de casa. A pressão social que as adolescentes sofreram foi tamanha que uma delas tentou cometer suicídio e, felizmente, foi encontrada a tempo.

No Brasil, no dia 25 de setembro de 2018, foi sancionada a Lei nº 13.718, que trata da conduta de praticar contra alguém e sem a sua aprovação o ato libidinoso de compartilhar imagens ou vídeos íntimos, como cenas de estupro, com objetivo de satisfazer os próprios desejos ou de terceiros. Dessa forma, o compartilhamento indevido de imagens de outra pessoa passou a ser crime, onde é imposta uma pena de reclusão entre um e cinco anos nesses casos.

Já em 31 de março de 2021 foi sancionada a Lei nº 14.132, que está relacionada à prática de perseguir terceiros/as, ainda que de modo digital, vindo acarretar problemas psicológicos, bem como a sua integridade física. A pena de reclusão gira em torno de 6 meses há 2 anos, e ainda acarreta multa para aqueles/as que interferem na privacidade e na liberdade

de outros/as. Onde o sexting pode entrar como agravante, quando o agressor usa o conteúdo como instrumento de ameaça.

Contudo, é possível compreender que o *sexting* não é condenado quando praticado de forma coerente, visto que, continua sendo permitido através da liberdade sexual, de modo que ato de trocar mensagens eróticas voluntariamente não é crime, até mesmo o armazenamento é permitido, com exceção de fotos de menores de idade e a divulgação de mensagens com terceiros, consideradas atitudes criminosas em que se prevê punição legal.

Como problemática contemporânea recente, o grande número de compartilhamentos do *sexting* que vem atingindo cada vez mais jovens e adultos de diversas faixas etárias, concorre com o baixo número de pesquisas realizadas e publicadas sobre o tema.

Assim, corrobora-se a necessidade da realização deste estudo que objetiva identificar a prática e as percepções sobre o *sexting*, além de buscar entender qual a avaliação dos voluntários quanto ao compartilhamento indevido do *sexting*, a partir de uma amostra voluntária de adolescentes, composta por 283 estudantes do Ensino Médio da EEEFM Carlota Barreira, localizada no município de Areia-PB.

A estruturação deste trabalho segue com a fundamentação teórica, no primeiro capítulo, organizado em duas seções, abordando a discussão de conceitos como *sexting*, sexualidade, relações de gênero, machismo, *cyberbullying* e pornografia de vingança, com destaque aos riscos aos quais são submetidos os/as jovens dentro dessa prática. No segundo capítulo, apresenta-se a descrição metodológica da pesquisa e no terceiro capítulo são expostos os resultados e as discussões. Por fim, a conclusão faz um balanço do trabalho realizado, sobre o alcance de objetivos propostos e apontamentos acerca da importância do trabalho da escola para a vivência da sexualidade na adolescência.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. A expressão da sexualidade através do *sexting*

O *sexting*, que se refere à prática de compartilhar ou obter imagens, vídeos, áudios e/ou mensagens de texto em meios digitais. Em 2005, a jornalista britânica Yvone Roberts fez a primeira menção ao termo *sexting*, no jornal chamado *Sunday Telegraph*, diante da tamanha repercussão de fotos íntimas de um atleta americano que foram publicadas, à época. Além disso, no Reino Unido ocorreram vários outros casos de compartilhamento indevido de mensagens eróticas (SCREMIN, 2016). Em 2009, a ONG Safernet Brasil destacava que:

O *Sexting* descreve um fenômeno recente no qual adolescentes e jovens usam seus celulares, câmeras fotográficas, contas de email, salas de bate-papo, comunicadores instantâneos e sites de relacionamento para produzir e enviar fotos sensuais de seu corpo (nu ou seminú). Envolve também mensagens de texto eróticas (no celular ou Internet) com convites e insinuações sexuais para namorado(a), pretendentes e/ou amigos(as) (SAFERNET BRASIL, 2009).

Sendo assim, o conceito de *sexting* pode ser compreendido como o ato de praticar o envio ou recebimento de fotos, mensagens de textos, vídeos e/ou áudios com conteúdo sensual, sexual e/ou erótico. Segundo Augustina e Duran (2012), o *sexting* ocorre através do compartilhamento de fotos e/ou vídeos, de caráter erótico, sensual ou sexual. Já Matthey e Diliberto (2013) salientam que o *sexting* ocorre pelo envio ou recebimento de mensagens com conteúdo de sexo explícito. Lounsbury *et al.* (2011) define tal acontecimento como o compartilhamento de fotos nuas ou seminuas. Já para Mitchel *et al.* (2012), o *sexting* se dá na prática da realização de imagens nuas ou sugestivas, assim como o recebimento de tais imagens. Lenhart (2009) define o *sexting* apenas pelo recebimento ou envio de fotos ou vídeos íntimos através do celular.

Portanto, o fenômeno *sexting* está relacionado à sexualidade humana e confirma que esta expressão e vivência não está reduzida apenas às funções biológicas do corpo humano ou ligadas ao ato sexual. Conforme apontou Freud (2006), a sexualidade tem início no momento do nascimento, sendo melhor desenvolvida através de estímulos e atividades que acontecem durante toda a infância possibilitando uma satisfação que não está ligada apenas às satisfações

fisiológicas. Freud (2006) também enfatiza que as neuroses se dão através da repressão da libido, guardando os desejos inibidos em nosso inconsciente.

A sexualidade humana é uma construção social e, como tal, é dinâmica e sofre alterações ao decorrer dos tempos. Segundo Michel Foucault (1988):

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação de conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1988, p.115).

Fernández (2013) pontua que para sociedade o *sexting* já é visto como parte do erotismo e da sexualidade humana com normalidade. Assim, a maneira como a sexualidade pode se expressar é mutável e leva em consideração a historicidade, sociedade, religião e a cultura na qual está inserida. Jeffrey Weeks ainda enfatiza que:

A sexualidade é, na verdade, "uma construção social", uma invenção histórica, a qual, naturalmente, tem base nas possibilidades do corpo: o sentido e o peso que lhe atribuímos são, entretanto, modelados em situações sociais concretas (WEEKS, 1996, p.49).

Segundo Simpson (2013), os avanços das tecnologias possibilitam para os/as jovens variações nas vivências durante os relacionamentos. Ringrose *et al.* (2012) afirma que a prática do *sexting* oportuniza uma interação entre os mesmos, porém, traz consigo vários riscos, ligados aos aspectos social e psicológico, de ter seu arquivo compartilhado de modo indevido, interferindo até na sua integridade física. Como consequência dessa prática, os/as jovens atingidos sofrem ao serem colocados em situações de *bullying* ou *cyberbullying*, sendo ridicularizados e certas vezes agredidos. É possível encontrar casos onde foi necessário que o jovem mudasse não só de escola, como de cidade também; além dos casos de suicídio. Diante o alto índice de material íntimo compartilhado, pode-se afirmar que:

Este comportamento de risco entre jovens vem se tornando cada vez mais comum, uma vez que as vítimas, algumas vezes, não têm noção da proporção de comentários ou exposições, que possam se desdobrar decorrentes de sua confiança em outras pessoas, tais como namorados/as ou amigos/as, com os quais compartilham suas fotos e/ou vídeos (WANZINACK, 2014, p. 24).

Fernández (2013) também aponta que a popularização dessa prática ocorre devido a uma sociedade extremamente sexual e erotizada, que sob a pressão de serem aceitos em determinados grupos, os/as jovens compartilham suas imagens como parte do processo de autoafirmação. Não resta dúvida que o acesso às novas tecnologias e a popularização das redes sociais viabiliza esta manifestação da sexualidade humana na atualidade.

Nos Estados Unidos, em 2008, foi desempenhada uma análise com jovens entre 13 e 19 anos de idade através da Campanha Nacional de Prevenção à Gravidez na Adolescência em parceria com a revista CosmoGirl. Foi observado que 20% dos/das jovens já compartilhou vídeos ou fotos nuas ou seminuas próprias, de modo que as voluntárias do sexo feminino que relataram praticar ficando à frente, com 22%, enquanto o público masculino ficou com 18%.

A pesquisa ainda aponta que boa parte dos envios foram realizados para pessoas com quem existia o interesse em desenvolver uma relação, pessoas próximas ou namorados/as. Porém, os arquivos sempre chegavam a terceiros, sendo divulgados de pessoa a pessoa; mesmo que inicialmente essa não fosse a intenção, tornava-se algo incontrolável e o conteúdo era disperso entre várias outras pessoas (WILLARD, 2010). Deste modo, compreende-se que há uma relevante porcentagem de adolescentes que possuem alguma ligação com a prática, compartilhando ou criando vídeos, fotos e mensagens com conteúdo erótico.

Em 2012, foi realizada uma pesquisa através do projeto Eu Kids na Europa com 18.709 mil jovens. A pesquisa, que visava apurar o uso da internet e das tecnologias digitais, constatou que 15% dos/das jovens com idades entre 10 e 16 anos já tinham recebido fotos, vídeos ou mensagens com conteúdo eróticos, e somente 4% praticaram *sexting*.

1.2. O fenômeno *sexting* e resultados negativos da prática na adolescência

Segundo Willard (2010), o *sexting* é o efeito da junção de elementos, como a simplicidade para compartilhar documentos através da tecnologia, além dos hormônios e impulsividade, bem como imposição de outros, sendo que os/as jovens não possuem habilidade biológica de prever os resultados negativos de tal atividade. O *sexting* quando compartilhado de maneira indevida, vem atrelado a uma série de problemáticas. Uma delas é o *cyberbullying*, de modo que:

Uma parte das fotos ou vídeos que geralmente são compartilhados na internet como forma de *cyberbullying* são inseridos na internet pelos namorados/as, como forma de chantagens ou vingança, ao fim de um romance. Outra forma utilizada pelos/as agressores/as virtuais, é a invasão virtual de computadores alheios, vasculhando alguma informação, foto ou vídeo, que poderá ser utilizada como moeda de troca, tanto sexual ou financeira (WANZINACK, 2014, p.73).

O *cyberbullying* aparece na sociedade como um problema virtual em uma proporção que dificulta a sua mensuração, tendo em vista o grande número de usuários da internet e o fácil acesso às mídias. Para Yang e Grinshteyn (2016) e Brown K *et al* (2006) o *cyberbullying* já se caracteriza como problema de saúde pública por ocasionar problemáticas com relação ao psicológico de jovens e adolescentes. Esse tipo de violência ocorre exclusivamente em meios digitais, se dando através de comentários, áudios, fotos, vídeos ou mensagens de texto publicados em jogos ou redes sociais através de celulares *smartphones*, bem como computadores e tablets, cujo intuito seja provocar estragos físicos ou psicológicos a outro/os ou outra/as de maneira agressiva como citado por Zych e Ortega *et al.* (2015 *apud* BROCHADO *et al.* 2016).

Para Augustina e Duran (2012) *sexting* é uma prática sociocultural do compartilhamento de mensagens escritas, fotos e vídeos, que possui caráter erótico, sensual ou sexual, por meio de mídias digitais, enviadas para pessoas próximas ou para desconhecidos/as, que podem ganhar uma repercussão mundial, por exemplo. Deste modo, o *sexting* não é controlável pelos seus agentes diretos.

Para Parreiras (2012), o grande progresso de tecnologias colabora para o maior compartilhamento de material indevido dada à praticidade que todos/as encontram em elaborar tal material, o que também atrapalha o reconhecimento do agressor. Como indagado por Lins (2016), tal violência ocorre através dos meios digitais já que determinadas plataformas possuem tipos livres de publicações.

Outra prática criminosa que impulsiona conteúdos virtuais, em sua maioria privativos, contemplando o *body shaming* é a pornografia de vingança, que é originada através do compartilhamento de conteúdo íntimo sem consentimento, com propósito de atingir o/a cônjuge, seja através de difamação, exposição ou ridicularização, de modo que os agressores apresentam como motivação o fim da relação, ciúmes, traição, entre outros, geralmente atingindo as mulheres.

Neste contexto, Barioni *et al* (2016) enfatiza que as consequências dessa ação são bem desiguais para vítima e agressor. Enquanto as vítimas da pornografia retaliatória têm suas

vidas profissionais, sociais e sua saúde mental afetadas, os agressores acabam, na maioria das vezes, saindo impunes. Para as vítimas, a exposição ao crime é tão danosa que pode tornar-se irreparável, visto que, ainda que possa haver a penalização do criminoso, não há ressarcimento ao dano moral que deixa a vítima marcada por toda a vida, levando-as, por vezes, ao suicídio. Percebe-se que as discrepâncias de todas as ordens entre homens e mulheres estão arraigadas em todo o nosso processo de construção social e pedagógica. Neste sentido, é elucidativo o conceito de relações de gênero, como

[...] uma dinâmica de relação e de poder, sempre favoráveis ao homem, vemos que isso tem sérias implicações no exercício dos direitos sexuais e reprodutivos e da própria sexualidade por parte das mulheres com graves conseqüências para o exercício pleno da cidadania, onde esses direitos sexuais incluem o direito a ter controle e decidir livre e responsabilmente nos assuntos relacionados com a sua sexualidade, incluindo a saúde sexual reprodutiva, livre de coerção, discriminação e violência (CABRAL; DÍAZ, 1998, p. 1).

O Instituto Avon/Data Popular (2014) consolidou uma análise apontando que 28% dos homens que participaram afirmaram que já haviam recebido imagens íntimas, bem como já haviam as divulgado sem a autorização. Essa pesquisa foi publicada posteriormente pela Agência Patrícia Galvão (2014), responsável pela disseminação de pesquisas e estatísticas ligadas às violências cometidas contra as mulheres.

Portanto, é correto afirmar que os homens se sentem mais confortáveis com a prática do indevido compartilhamento de imagens e vídeos íntimos, sendo as mulheres os maiores alvos da exposição, dada a sociedade patriarcal e o machismo que continua enraizado em todas as práticas, sejam elas profissionais, afetivas ou de outros aspectos. Segundo Drumond (1980), o machismo objetifica o ser pelo seu gênero.

O machismo constitui, portanto, um sistema de representações-dominação que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos (DRUMOND, 1980, p. 82).

Em uma pesquisa realizada por Bates (2016), foi constatado junto as 18 mulheres que já tinham passado pela pornografia de vingança, que os agressores agem de três possíveis formas. No primeiro modo, o agressor divulgava as fotos em diferentes meios digitais, no segundo, o compartilhamento ocorria apenas com indivíduos do meio social da vítima e, por

fim, a terceira via de agressão se dava pelo uso do conteúdo privado como ferramenta de ameaça para uma provável disseminação do conteúdo.

Além disso, as vítimas participantes da pesquisa salientaram que ambas desenvolveram diferentes complicações após o compartilhamento, como ansiedade, depressão, estresse pós-traumático, além de cogitar suicídio. Também foram apontados problemas sociais, ocasionados pela reclusão da vítima, assim como empecilhos para o convívio com outros ligados a dificuldade de estabelecer confiança. Como enfatizado pela autora, sequelas como essas são similares a de mulheres que sofreram abuso sexual.

No Brasil, não se encontram leis que tratam de modo focal a pornografia de vingança. No entanto, é possível encontrar a Lei Carolina Dieckman, Lei 12.737/12, que foi sancionada no ano de 2012 após a atriz ter suas fotos íntimas compartilhadas por um *hacker* que se conectou de modo ilegal aos dispositivos eletrônicos da mesma. A Lei contém especificações criminais, assim como sanções legais para incriminar os sujeitos que invadem de forma ilegal meios digitais de terceiros (BRASIL, 2012). Vale salientar, que o conteúdo de fato compartilhado entra como agravante no processo, não sendo o compartilhamento diretamente incriminado.

Como citado por Buzzi (2015) e Lins (2016), embora a lei não seja específica para os casos de pornografia de vingança, caso o agressor tenha obtido tal conteúdo sem permissão da vítima, através de invasões, a lei se adequa a situação. Porém, nos casos onde a vítima enviou esse conteúdo para o divulgador de maneira voluntária tal lei não é cabível, caindo no campo da subjetividade e favorecendo os agressores.

Através do uso comum da internet e pela popularização dos *smartphones*, o *sexting* alcançou um espaço significativo nas interações sociais, com interesse romântico ou não. No entanto, esta popularização contemplou jovens e adolescentes e o alcance rápido da internet corroborou com o uso indiscriminado dessas imagens.

É relevante compreender que, para o/a adolescente, indivíduo que se encontra em processo de maturação sexual, mental e almeja sobremaneira a aceitação social - o uso de sua própria imagem erotizada, seja com interesse na troca afetiva ou para aprovação social, pode ter consequências drásticas, uma vez que, o adolescente nem sempre consegue mensurar os riscos aos quais se expõe. Para Willard (2011), adolescentes que se propõem à prática do *sexting* estão expostos, pois,

Disseminação intencional de uma imagem pelo adolescente pode ser descrito como um comportamento para chamar a atenção ou para anunciar disponibilidade sexual com colegas da mesma idade [...] O adolescente retratado está interessado em manter "ligações" sexuais seja com outros adolescentes, jovens mais velhos ou adultos podendo se envolver em prostituição adolescente. (WILLARD, 2011, p. 544. tradução da autora).

Dito isso, é necessário reiterar que o/a adolescente que se propõe a exposição sexual através da prática do *sexting* se submete a perigos tais, não só pela facilidade em persuadi-lo para endereçamento de tais imagens, mas também pela facilidade de disseminação desse conteúdo nas redes sociais e mídias digitais, ficando exposto de uma forma que não conseguiria lidar com as consequências da divulgação.

2 METODOLOGIA

A pesquisa de campo foi realizada no segundo semestre do ano de 2019, entre os dias 13 e 27 de setembro na escola EEEFM Carlota Barreira¹, localizada no município de Areia – PB, tendo como público alvo os alunos e alunas voluntários/as, do Ensino Médio dos turnos manhã e tarde da instituição, com idades entre 14 e 20 anos. Sendo o turno da tarde formado em sua maioria por alunos/as da zona rural, e o turno da manhã por alunos/as da zona urbana da respectiva cidade.

A primeira amostra voluntária foi composta por 148 estudantes do turno da manhã, onde são 71 do sexo/gênero feminino, 73 do gênero masculino e 4 que não identificaram seu gênero. Já no turno da tarde participaram 135 estudantes, sendo 67 do gênero feminino, 66 do gênero masculino e duas pessoas que não identificaram o gênero, totalizando 283 alunos/as/es pertencentes às turmas do primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio.

A primeira coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de um questionário (Apêndice A) junto às turmas do Ensino Médio, a segunda pergunta do questionário foi utilizada para obter o número de alunos/as que já compartilharam fotos mensagens de textos ou vídeos eróticos de si mesmo, já a terceira para quantificar os/as aluno/as que já receberam esse tipo de conteúdo, além da quarta questão com dados sobre a utilização de aplicativos para relacionamentos, sendo esses dados não discutidos no presente trabalho, bem como as

¹ A pesquisa foi desenvolvida por meio do Projeto de Extensão Gênero e Sexualidade em Debate: Educação em Direitos, pelo fim da violência 2019, coordenado pela Prof^a Anita Leocádia Pereira dos Santos, com a colaboração do discente bolsista Muriel Thobias de Araújo Silva, tornando possível estabelecer contato com alunos e alunas da referida escola.

indagações da primeira questão. Para que fosse tangível a análise de dados, e validação desta pesquisa nos termos científicos, inicialmente utilizou-se um levantamento quantitativo, incorporado neste estudo, com objetivo exploratório. Para Prodanov,

[...] quando a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso. A pesquisa exploratória possui planejamento flexível, o que permite o estudo sobre diversos ângulos e aspectos. Em geral, envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão (PRODANOV, 2013, p. 51 e 52).

Para uma maior aproximação do tema da pesquisa junto ao público pesquisado, possibilitando um aprofundamento acerca das percepções dos estudantes, a segunda coleta de dados foi realizada após uma “sessão de cinema” com 59 alunos/as no turno da manhã e 50 alunos/as no turno da tarde, onde foram convidados no horário de aulas² para assistir ao “Episódio cinco” da primeira temporada da série *Sex education*³ (2019), escrita pela roteirista australiana Laurie Nunn, disponível na plataforma online *Netflix*, que disponibiliza diversas séries e filmes que englobam vários conteúdos.

A sinopse do quinto episódio, diz que “Uma foto indiscreta coloca uma menina má sob os holofotes. Maeve quer descobrir o culpado e força Otis a tomar uma decisão importante” (NETFLIX, 2019). Trata-se do compartilhamento não autorizado da foto da vulva desta adolescente, junto aos grupos de colegas da escola onde ela também estuda. A trama se desenvolve expondo as problemáticas decorrentes da exposição íntima não autorizada de uma adolescente diante do grande grupo de estudantes, a fim de descobrir quem foi a vítima, bem como quem praticou o *sexting* contra a mesma, sendo esta uma vítima de pornografia de vingança.

² Para a execução do Projeto de Extensão Gênero e Sexualidade em debate, pelo fim da violência, ao longo dos anos de 2017, 2018 e 2019, houve a colaboração da equipe docente cedendo espaços em horários de aulas de várias disciplinas, tendo em vista que seria difícil contar com estudantes no contraturno das aulas regulares, por diversos motivos, reduzindo o público alcançado e excluindo destas aulas, as pessoas que não poderiam comparecer.

³ A série *Sex education* estreou no dia 11 de janeiro de 2019 na *Netflix* e conta com seis personagens de maior destaque que abordam diversos temas em relação a vida atual dos jovens, a maioria desses temas ligados a educação sexual, como o aborto, *sexting*, temas sobre LGBTQIA+, feminismo, entre outros. No total, a série conta com 16 episódios disponíveis na *Netflix*, divididos em duas temporadas, onde cada um tem em média 50 minutos.

A série *Sex education* se passa no Ensino Médio de uma escola, onde o personagem principal, Otis, é filho de uma sexóloga, mas, lida sozinho com problemas em relação ao seu corpo, mantendo o segredo da sua virgindade para todos os seus colegas. Em parceria com Maeve, uma colega da escola, Otis decide abrir uma clínica clandestina no banheiro abandonado da escola, onde dialogam para dar conselhos sexuais a outros/as jovens que passam por problemas em relação a sexo e sexualidade. Assim, criam um espaço para discutir temas que afligem o grupo de adolescentes:

Sex Education segue Otis, um garoto virgem do ensino médio que é socialmente desajeitado e vive com sua mãe que é uma terapeuta sexual. Ele se junta a Maeve, que é inteligente e esperta, "para montar uma clínica para lidar com os problemas estranhos e maravilhosos de seus colegas estudantes" (NETFLIX, 2019).

O “Episódio cinco” foi escolhido por abordar o vazamento do *nudes* de uma das garotas mais populares da escola, Ruby, arrogante e grosseira com todos ao seu redor. Ao ter sua imagem vazada de forma anônima e sofrer ameaças do divulgador, Ruby sente-se envergonhada, intimidada e passa a buscar ajuda de Otis e Maeve para encontrar o culpado.

Após Otis e Maeve realizarem a busca pelo culpado, ao apontarem o ex-namorado da jovem como divulgador da imagem e ele negar sua participação na divulgação, Maeve passa a supor que “o divulgador” seria do gênero feminino, já que a pessoa que divulgou a imagem exige que Ruby se desculpe publicamente com todas as pessoas que ela já humilhou, sendo a maioria meninas.

Em uma reunião particular entre Otis, Maeve, Ruby e sua melhor amiga, Olivia, Maeve a aponta como a pessoa que teria tido acesso a foto, divulgando-a, por saber a senha do celular onde se encontrava a tal foto. Olivia assume a culpa no pequeno grupo, deixando claro que a imagem fora divulgada para que Ruby se sentisse humilhada, ameaçada, e pedisse desculpas publicamente a todos a quem já havia humilhado anteriormente.

Mas Ruby decide ignorar a exigência da amiga e não pedir desculpas pelos seus atos e, em represália, a divulgadora marca um horário para revelar de quem seria a foto e consequentemente de quem seria “a vagina”. Diante do problema, e o anonimato sobre as pessoas envolvidas, tanto sobre o compartilhamento indevido quanto sobre a possibilidade de maior exposição para a pessoa que seria a dona da vulva compartilhada, então chamada de vagina pelos/as adolescentes, o diretor marca uma assembleia com todos os estudantes da

escola para esclarecer que se tratava de uma ilegalidade e que haveria uma investigação sobre o ato indevido, quando um estudante grita afirmando que “a vagina” seria da Ruby.

Provavelmente, para proteger a amiga exposta e evitar maior constrangimento, todos/as são surpreendidos/as por Olivia, a mesma que divulgou a imagem íntima, que se levanta no auditório e afirma: “É a minha vagina”. Diante do ato, de forma solidária, todas as moças e até rapazes se levantam para reafirmar o mesmo, tornando inviável a tal investigação e fazendo com que Ruby, ameaçada de tornar-se alvo de zombaria pelos/as colegas, se sentisse acolhida por todos/as os/as presentes e, finalmente, as amigas voltam a se entender, encerrando-se o episódio.

Logo após o término da exibição, realizada nos dois turnos, 59 estudantes do turno da manhã e 50 estudantes do turno da tarde, das turmas do primeiro ao terceiro ano do Ensino Médio, responderam voluntariamente e individualmente ao segundo questionário (Apêndice B), sendo ele semiestruturado, com a combinação de perguntas abertas e fechadas, onde a pessoa entrevistada tem maior liberdade em discorrer sobre o tema proposto, tornando possível obter maior compreensão do ponto de vista de cada participante, como qual o aspecto que mais teria chamado à atenção no episódio e a mensagem principal para cada um/uma, apresentados como conceitos apontados pela amostra voluntária, diante da problemática abordada.

Desta segunda coleta, também serão apresentados os dados referentes à posse de celular *smartphone* e de acesso à internet, uma vez que complementam a interpretação dos resultados obtidos acerca da prática de compartilhamento de *nudes* ou *sexting*, investigadas no primeiro questionário. Os demais dados serão contemplados em outro trabalho, posteriormente, dando continuidade a pesquisa, de natureza qualitativa:

1º) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave; 2º) A pesquisa qualitativa é descritiva; 3º) Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto; 4º) Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente; 5º) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa [...] (BOGDAN, 1982 apud TRIVIÑOS, 1987, p. 128-130).

Na pesquisa qualitativa, também é possível se trabalhar com dados quantitativos, porém, prevalece a análise qualitativa, já que se trata de uma pequena amostra sobre um universo específico. O questionário semiestruturado nos possibilita uma coleta de dados

qualitativos, pois a mesma dá maior liberdade para o entrevistado comentar sobre o tema proposto.

Por fim, neste estudo, a segunda amostra voluntária participou de uma oficina pedagógica de elaboração de cartazes com mensagens sobre a divulgação indevida de imagens íntimas. Configura-se, assim, contribuindo no processo de pesquisa, pois,

Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva (PAVIANI; FONTANA, 2009, p. 78).

Desta forma, os/as alunos/as que participaram da exibição do episódio da série tiveram a oportunidade de debater o assunto sobre a prática de *sexting* em pequenos grupos, com cinco participantes e, a partir destes grupos, apresentar textos que sintetizam a reflexão ocorrida no debate, tornando-os autores e autoras, além de espectadores e espectadoras, capazes de construir conhecimento, a partir da provocação empreendida pela oficina pedagógica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que fosse possível compreender a inserção de jovens e adolescentes estudantes da Escola Pública Carlota Barreira na prática do *sexting*, é relevante analisar estes/estas jovens como grupos separados, uma vez que, estudantes do turno da manhã são predominantemente residentes da zona urbana do município de Areia, enquanto que a maioria dos estudantes do turno da tarde são moradores da zona rural, da mesma cidade. Dada essa divisão, a exposição dos dados será segmentada por turno, para que seja possível apreender as divergências dos resultados de comportamentos, de acordo com o convívio social e meio onde estão inseridos.

De modo que, este capítulo está dividido em duas seções, sendo a primeira seção onde serão discutidos os resultados do primeiro questionário (Apêndice A), com dados quantitativos acerca do *sexting* e, na segunda seção serão retratados a análise do segundo questionário (Apêndice B), com dados qualitativos, abordando as percepções acerca do *sexting*.

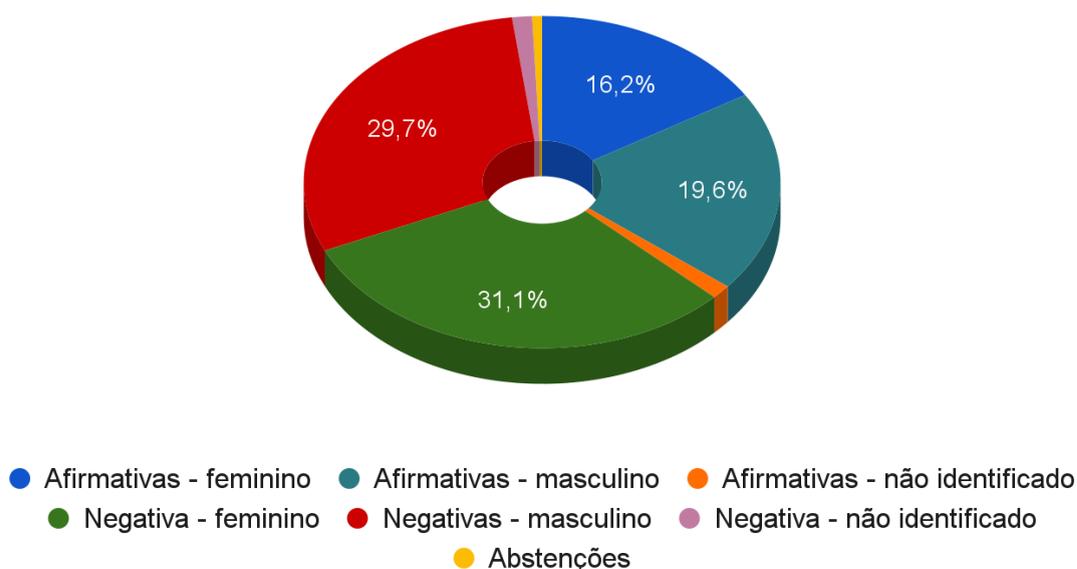
3.1 Dados quantitativos acerca do *sexting*

Os resultados obtidos mediante a aplicação do primeiro questionário (Apêndice A), com base na pergunta de número 2: “Você já enviou mensagens com conteúdo sexual ou “nudes”?” e a de número 3: “Você já recebeu mensagens com conteúdo sexual ou “nudes”?” constatou que no turno da manhã, com 148 participantes, conforme descrito no capítulo metodológico, 55 adolescentes já enviaram e receberam mensagens com conteúdo erótico, sendo 29 do gênero masculino, 24 do gênero feminino e duas pessoas não identificaram o gênero.

Portanto, 37.83% dos/das alunos/as deste turno, acusaram participar da prática do *sexting*. Ainda com base nas perguntas de número 2 e 3, foi possível observar que 58 estudantes do turno da manhã só receberam tais mensagens, sendo 27 do gênero masculino, e 30 do gênero feminino. Apenas 33 alunos afirmaram que não receberam nem compartilharam tal conteúdo, sendo 16 do gênero feminino e 16 do gênero masculino e 1 participante que não identificou o gênero. Um único aluno afirmou já ter compartilhado mensagens eróticas, porém, não tinha recebido.

Além disso, conforme demonstrado no Gráfico 1, é possível observar a troca mútua do *sexting*, onde é possível analisar as respostas negativas e as afirmativas do sexo feminino e masculino no turno da manhã. Sendo perceptível que no turno da manhã as meninas ficam à frente dos meninos, quando se trata da troca de mensagens com conteúdo sexual, como vemos a seguir:

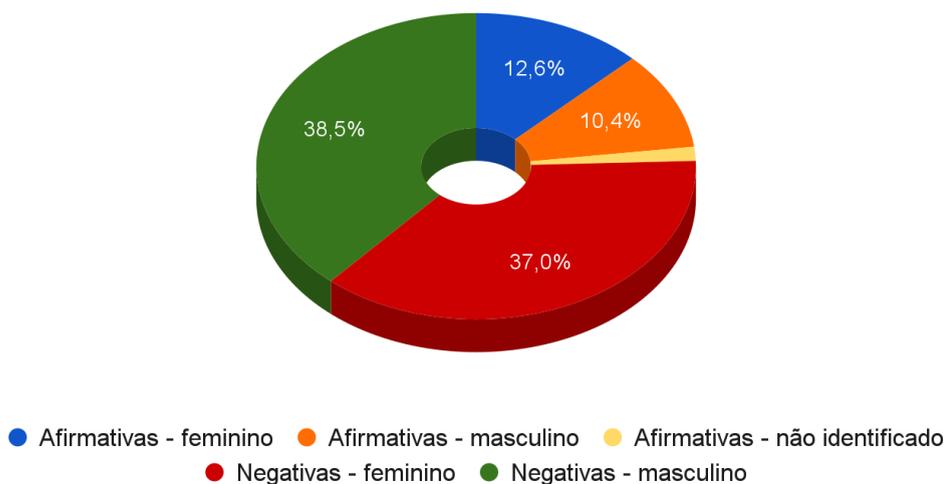
Gráfico 1- Estudantes que praticaram *sexting* enviando e recebendo - turno manhã



Fonte: Elaborado pela autora em junho de 2021.

No turno da tarde, participaram da pesquisa 135 adolescentes voluntários/as, sendo 67 do gênero feminino, 66 do gênero masculino e duas pessoas que não identificaram o gênero. Dentre eles/elas, 33 estudantes afirmaram que receberam e compartilharam mensagens de cunho sexual, sendo 17 do gênero feminino, 14 do gênero masculino e duas pessoas de gênero não identificado, em um total afirmativo de 24.44% de troca mútua; 61 participantes declararam apenas receber tais mensagens, sendo 31 do gênero feminino e 30 do gênero masculino, enquanto 41 participantes afirmaram não ter recebido nem enviado tais mensagens, sendo 19 do gênero feminino e 22 do gênero masculino, dados apresentados no Gráfico 2, a seguir:

Gráfico 2 - Estudantes que praticaram *sexting* enviando e recebendo - turno tarde



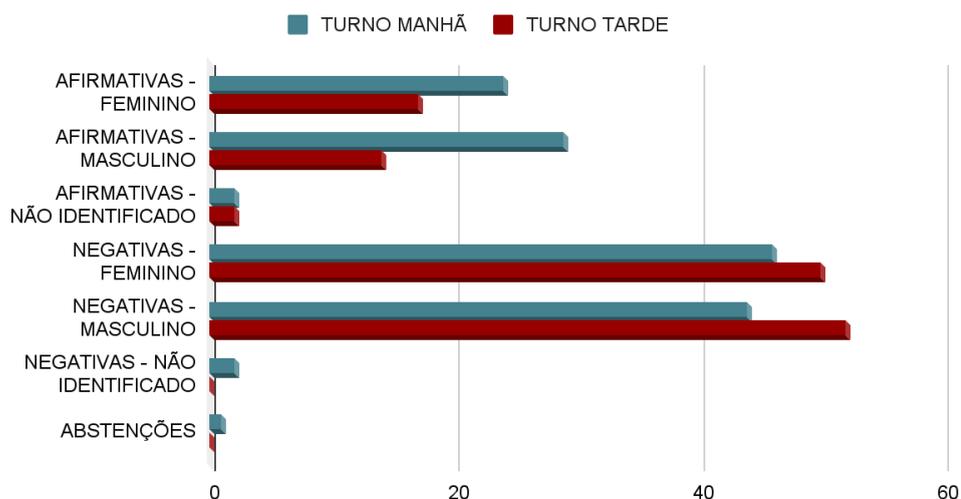
Fonte: Elaborado pela autora em junho de 2021

Com base no Gráfico 2, é possível observar que no turno da tarde o índice de meninas que enviam e recebem *sexting* é maior em relação aos meninos. Sendo contrário ao turno da manhã, em que os meninos praticam mais o *sexting* do que as meninas, ainda que de modo geral o turno da tarde demonstrou menores índices de prática do *sexting* em relação ao turno da manhã. Deste modo, é correto afirmar que os/as alunos/as do turno da tarde, majoritariamente residentes na zona rural, são menos adeptos à prática do *sexting*.

Caberia uma avaliação sobre os reflexos do meio social no posicionamento expositivo do adolescente, posto que, os alunos residentes em zona urbana são em maior número adeptos da prática da “troca de *nudes*”. Registra-se no meio urbano do município de Areia que são compartilhados muitas imagens e vídeos íntimos entre pessoas adultas, tornando-se frequentes os vazamentos de tais *sexting*, sem que se façam queixas policiais, apesar de serem fatos bastante comentados nos espaços coletivos e públicos.

Torna-se relevante a discrepância na exposição dos grupos ao *sexting*. Os alunos do turno da tarde não só afirmam ter um número menor de trocas mútuas, como também têm um número bem acentuado de negativas sobre o recebimento e envio, como é possível visualizar por meio do Gráfico 3, a seguir, com o comparativo entre os turnos:

Gráfico 3 - Prática do *sexting* dos estudantes - turnos manhã e tarde



Fonte: Elaborado pela autora em junho de 2021

Em percentual, a prática do *sexting* nos turnos da manhã e tarde são, consecutivamente, 37.83% contra 24.44%. Inclusos nesse percentual estão apenas os adolescentes que confirmaram a troca mútua de mensagens de cunho sexual e adolescentes que enviaram, ainda que não tenham recebido um retorno nesta troca de mensagens. Através dos dados obtidos é possível perceber que no turno da manhã apenas um único aluno relatou nunca ter enviado ou recebido algum tipo de *sexting*, e todos e todas os/as demais já tiveram algum contato com esse tipo de conteúdo, diferentemente do turno da tarde, onde a quantidade de alunos e alunas que nunca tiveram contato com o *sexting* chega a 41 jovens.

Dentre os/as jovens que responderam o segundo questionário (Apêndice B) foi possível perceber que dos/das 59 participantes do turno da manhã, onde 33 são meninas, apenas duas delas não tinham aparelho *smartphone*, 19 delas acessam a internet através de aparelho celular e apenas uma acessa exclusivamente pelo computador; outras 13 têm acesso livre em ambos os dispositivos.

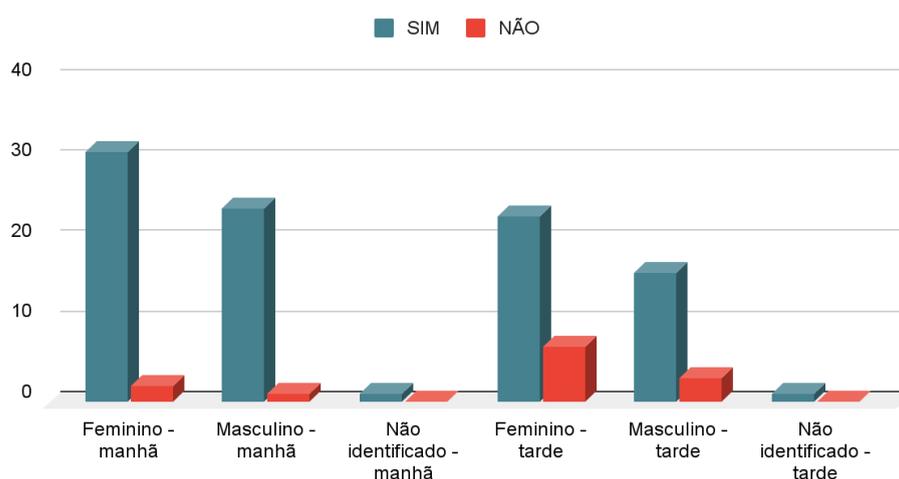
Entre os meninos do turno da manhã, dentre os 25 participantes apenas um não possuía aparelho *smartphone*, 14 deles acessam a internet através do aparelho celular, um faz uso apenas de computador e dez jovens fazem uso tanto de celular, quanto de computador. Apenas um/uma jovem não identificou seu gênero e indicou possuir aparelho *smartphone* e ter acesso à internet através do mesmo.

No turno da tarde, participaram da amostragem 50 alunos/as. Dentre eles/elas, 30 eram meninas, onde 23 delas informaram possuir aparelho *smartphone* e sete delas não. Entretanto, 23 delas informaram possuir acesso à internet através do celular, duas informaram possuir acesso através do computador e do aparelho celular, e uma única jovem informou não possuir acesso à internet.

Já entre os 19 jovens do sexo masculino, 16 deles informaram possuir aparelho *smartphone* e três deles não possuíam tal aparelho. Contudo, 14 deles tinham acesso à internet através do aparelho celular e um apenas pelo computador; dois deles possuíam acesso através de ambos os dispositivos. Além disso, um único/a jovem que não identificou o gênero informou possuir *smartphone*, bem como ter acesso à internet através do celular.

Com base no Gráfico 4, a seguir, é possível observar que existe um pequeno índice de alunos/as que não possuem *smartphone*, sendo eles/elas em sua maioria do turno da tarde. Quando comparamos o Gráfico 4 com o Gráfico 2, é possível perceber que mesmo as meninas praticando mais o *sexting* do que os meninos no turno da tarde, ainda assim elas são as que menos possuem *smartphone* próprio. Sendo possível compreender que o fato de não possuírem o seu próprio aparelho, não diminui o índice do compartilhamento.

Gráfico 4 - Alunos/as que possuem aparelho *smartphone* - turnos manhã e tarde

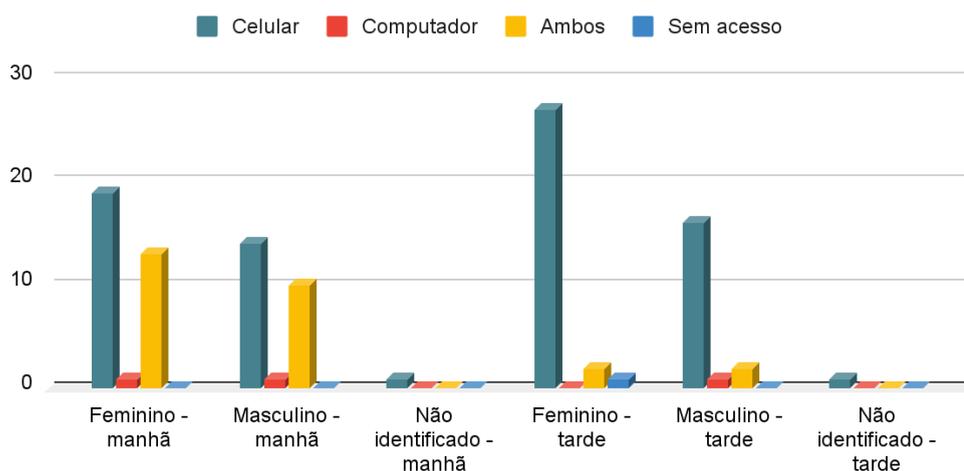


Fonte: Elaborado pela autora em junho de 2021

Sobre o uso dos dispositivos, é possível apontar que apenas uma aluna do turno da tarde não possui acesso à internet, embora todos os alunos da tarde tenham acesso, bem como

todos/as do turno da manhã. Embora exista uma grande discrepância com relação a quantidade de participantes no segundo questionário, o Gráfico 5, a seguir, deixa claro que no turno da tarde onde algumas das meninas não possuem seu próprio smartphone, elas são as que mais usam a internet através do celular, principal meio de comunicação utilizado para o compartilhamento, bem como o recebimento do *sexting*.

Gráfico 5 - Dispositivos utilizados para acesso à internet - turnos da manhã e tarde



Fonte: Elaborado pela autora em junho de 2021

3.2 Percepções acerca do *sexting*.

No questionário qualitativo (Apêndice B), aplicado logo após a exibição da série *Sex Education*, onde os/as alunos/as tiveram a liberdade de opinar sobre o tema abordado, foi possível observar com base na pergunta 1: “O que mais chamou a sua atenção no episódio?”, que no turno da manhã 27,1% dos/das participantes apontaram a “união” dos personagens como ponto principal no episódio da série e 13,6% a “união feminina”, destacando a importância para o momento em que as alunas presentes no auditório assumiram o vínculo com a foto vazada, sendo seguidas inclusive pelos alunos.

Desta forma, evidencia-se o quão significativo é para estes/estas adolescentes o apoio dos pares, independentemente do vínculo com os fatos ou com a pertença direta ou indireta sobre o conteúdo íntimo vazado, neste caso, corroborado pela indicação do termo falsas amizades, em um percentual 10,2%. Assim, totalizou-se 50,9% de estudantes da manhã que apontaram os valores afetivos entre os membros do grupo como sendo os aspectos e mensagens mais importantes apresentados no texto exibido no filme.

Entre os adolescentes estudados no turno da manhã, 15,3% apontam a homofobia, 15,3% dos apontam o *sexting*, sendo seguidos por referências em menores quantitativos, sendo 5,1% os temas atuais que a série retrata, 3,4% a abordagem do tema, 1,7% a humilhação sofrida por Ruby, 1,7% a aparência dos personagens, 1,7% o padrão social, e 5,1% deixaram o questionário em branco.

No turno da tarde 24,5% dos alunos e alunas também apontaram a união com ponto principal, 18,4% a união feminina e 8,2% as falsas amizades, em um total de 51,1% mostrando que para os/as adolescentes que participaram da pesquisa, o companheirismo de colegas é essencial para se sentir acolhido e lidar com os julgamentos e críticas ao ter uma imagem sua publicada de forma indevida. Diante dos resultados obtidos, é possível perceber que a união de todos os personagens aparece em primeiro lugar nos apontamentos por parte dos grupos pesquisados de ambos os turnos.

Entretanto, ressaltamos que a indicação da união feminina indica a percepção da sororidade na série, destacando que a aliança entre elas foi essencial para que Ruby se sentisse segura, diante de um fato constrangedor e chegasse a falar que a foto vazada era sua, em conjunto com as demais moças. Para Leal:

[...] a sororidade é apresentada frequentemente como uma ferramenta capaz de mobilizar ações políticas, retirando as mulheres do isolamento e possibilitando a união de sua força em prol de objetivos feministas. Delineia-se, em discursos como esse, uma relação entre o conceito e questões morais – a sororidade teria o potencial de mostrar às mulheres a maneira correta de agir, possibilitando transformações na sociedade. Portanto, palavras já existentes, como empatia, amizade e solidariedade, passam a não dar conta de expressar o que diversas ativistas feministas contemporâneas declaram sentir em relação a outras mulheres (LEAL, 2020, p.141-142).

Deste modo, é possível compreender a relevância do termo sororidade, como um norte moral entre mulheres, sendo praticado como mecanismo de libertação das práticas machistas, na busca pela liberdade e da não repressão à sexualidade feminina. A sororidade mostra a sua expressividade entre os/as adolescentes estudados/as, reiterada através desta porcentagem da união feminina (13,6% no turno da manhã e 18,4% no turno da tarde), entre as/os adolescentes, servindo, por vezes, como bússola na construção do empoderamento feminino.

Quanto aos demais conceitos apontados pelo turno da tarde, seguem 12,2% para o *sexting*, 10,2% para a homofobia, 8,2% para a vagina, 6,1% para a realidade dos jovens, 2% para a diversidade, 2% sobre a linguagem, 2% sobre a dificuldade em encontrar o divulgador,

2% destacam a vergonha pela qual a Ruby passa e 4,1% dos participantes deixaram o questionário em branco.

Embora não seja o foco deste trabalho, o conceito destacado em segundo lugar pelos estudantes sobre o episódio assistido é o ato de homofobia que ocorre quando o melhor amigo de Otis, Eric, um jovem aluno gay, sofre agressões físicas na rua por estar vestido de mulher, como uma fantasia. Otis tenta surpreender Eric ao chamá-lo para cinema no dia do seu aniversário e decidem assistir *Hedwig - Rock, Amor e Traição*⁴ fantasiados como o personagem principal, uma mulher trans. Este filme é considerado uma obra interessante para o público LGBTQIA+ e Eric fica bastante empolgado para sessão. Porém, Otis acaba perdendo o ônibus que o levaria ao encontro de seu amigo, deixando-o sozinho. Sem companhia, o Eric se torna um alvo exposto, sendo vítima de um ataque violento, quando desconhecidos desferem socos e cospem nele.

Ao questionar uma passageira sobre a rota do ônibus, na estação, Eric tem todos os seus pertences furtados de forma sorrateira. Ao ficar sem dinheiro, Eric decide voltar para casa andando, no caminho a pé ele é abordado por homens em um carro que gritam frases homofóbicas. Eric tenta esclarecer para os agressores que sua roupa não passa de uma fantasia, sem êxito.

Para Borrillo (2009), a homofobia é o ato de aterrorizar homossexuais e embora seu cerne seja a rejeição desmedida, ela é, na verdade, o ato de categorizar o homossexual como contrário, inferior ou anormal. Devido a esta desmedida inferiorização e estigmatização, esse tema salta aos olhos dos adolescentes, uma vez que querem ser aceitos como são independentemente de seu gênero e posicionamento sexual e que, sendo um tema relevante, os mesmos se sintam no dever de ressaltar a importância da inclusão de todos, sem restrições.

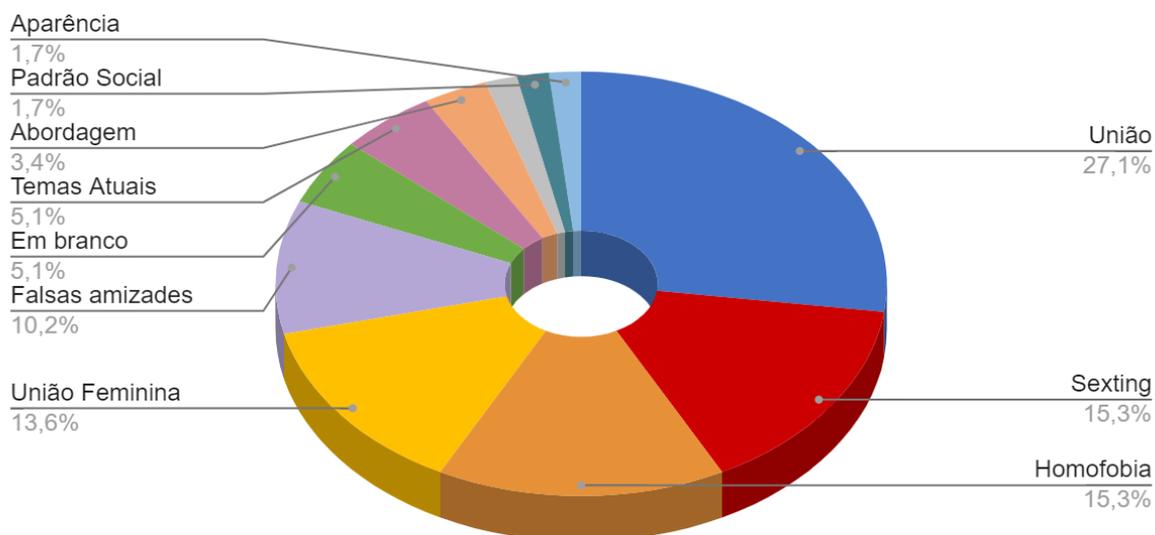
Desta forma, em segundo lugar, o turno da manhã salientou em 15,3% às cenas de homofobia ligadas a Eric, fazendo com que muitos deles se sentissem no dever de enfatizar o quanto a homofobia é um ato que deve ser sim recriminado por todos e todas, principalmente pelos jovens. No turno da tarde, a homofobia também foi destacada, ficando em quarto lugar.

⁴ O filme *Hedwing - Rock, Amor e Traição* é um musical de comédia dramática, que mostra a vida de Hensel, nascido em Berlim na Alemanha, com o grande sonho de se tornar um cantor de rock famoso, e encontrar o amor da sua vida. Mas para casar com o amor da sua vida nos Estados Unidos, é necessário que ele faça uma cirurgia para mudar seu sexo biológico. Assim, nasce no mesmo dia em que o muro de Berlim caiu, Hedwing. Com maquiagem pesada e o cabelo similar aos de Farrah Fawcett, ela dá início a sua banda de rock e escreveu várias canções. Mas o que Hedwing não contava era que se apaixonaria por um jovem de 16 anos, que rouba todas as suas canções e se torna o rockstar que sempre sonhou.

É possível que a preocupação com a questão da homofobia e da violência sofrida pelo rapaz, vestido de mulher, tenha sido despertada por meio das discussões contra os preconceitos e as violências de gênero que foram desenvolvidas em atividades do Projeto de Extensão, iniciadas em 2017, nesta escola. Vale salientar que os alunos participantes da pesquisa vinham em acompanhamento do Projeto Gênero e Sexualidade em Debate: Educação em Direitos, pelo fim da violência 2019, desde sua entrada no Ensino Médio.

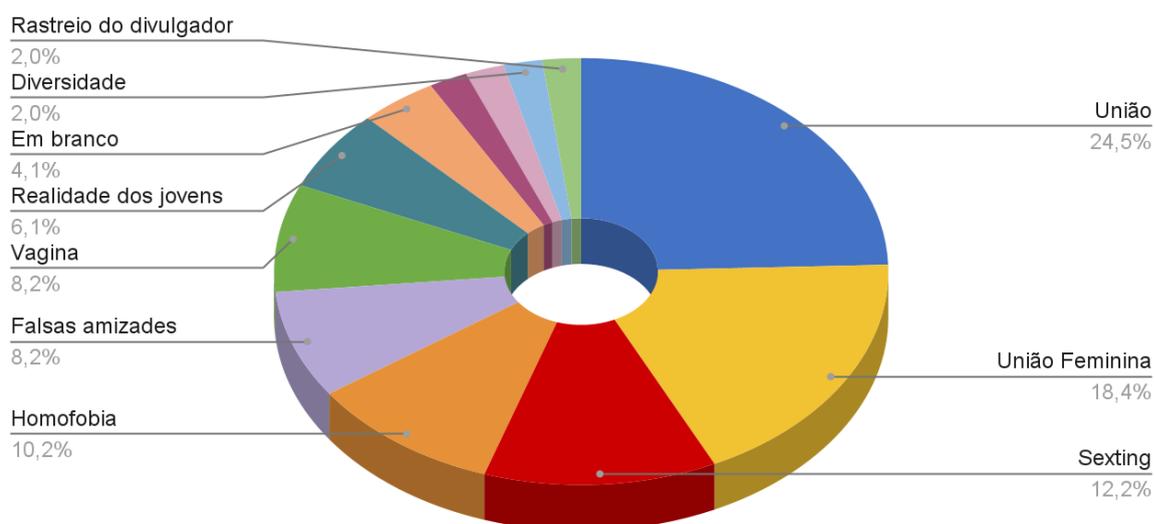
Nos Gráficos 6 e 7, que seguem, pode-se identificar em percentuais dos aspectos e termos apontados pelos pesquisados nos turnos manhã e tarde, com base na primeira pergunta do segundo questionário (Apêndice B):

Gráfico 6 – Conceitos apontados pelos/as alunos/as - manhã



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 7 – Conceitos apontados pelos/as alunos/as - tarde



Fonte: Elaborada pela autora em junho de 2021

Em terceiro lugar como destaque, em ambos os turnos, surge o termo *sexting* ratificando a importância dada pelos adolescentes para a prática expositiva da sexualidade, confirmando-se a necessidade de estudos e diálogos educativos acerca do tema. É correto alegar que, muito embora a série da *Netflix* tenha cumprido o papel de fazê-los refletir sobre essa temática, ainda há a necessidade de reforçar o quão nocivo pode ser para o indivíduo exposto a disseminação de conteúdo privado, íntimo, sexual.

Dificilmente, haverá maturidade para alguém lidar tranquilamente com a exposição indesejada do corpo nu ou vídeos íntimos, correlacionada diretamente com a prática do *sexting*, uma vez que, o sexo ainda é um tabu especialmente para a condição feminina, continuamente tratada com preconceitos e violências de vários tipos. Sequer, existe naturalidade para tratar a parte biológica da sexualidade, podendo-se arrematar que as pessoas em geral, incluindo adolescentes, não contariam com condições psicológicas e emocionais para se responsabilizar pelo vazamento de conteúdo sexual privado, que compromete também a esfera social da sexualidade humana.

Observou-se ainda o comportamento de alguns alunos do sexo masculino para com o tema, durante a exibição do episódio, quando alguns dos jovens e adolescentes também manifestaram um comportamento de zombaria, similar aos dos jovens retratados na série, sobre a vítima do vazamento do *sexting*, que foi exposta e humilhada.

Além disso, é importante ressaltar que, no turno da tarde, o termo vagina também despertou risos durante a exibição do “Episódio cinco” e aparece em sexto lugar, nos mostrando que mesmo que eles estejam no Ensino Médio onde se espera maturidade na abordagem de temas ligados à Biologia, ainda se trata a vagina de forma pejorativa e cômica, além de não questionar a inadequação do termo “vagina” para se referir à vulva, que, de fato, aparecia na foto divulgada, sem consentimento.

Nas oficinas pedagógicas, vivenciadas por cada grupo, a partir da solicitação de que escrevessem textos sobre o tema do vazamento do *sexting*, foram elaborados cartazes que transmitiam mensagens de apoio para pessoas que já sofreram problemas com o *sexting*. Foi demonstrada a sensibilidade em amparar vítimas, alertar colegas e conscientizar todos e a todas sobre o perigo do compartilhamento de fotos e vídeos íntimos, gerando um total de dez cartazes no turno da manhã, e sete no turno da tarde. Deste modo, vejamos os textos dos cartazes elaborados pelos alunos nas Oficinas Pedagógicas sobre *sexting*, na manhã de 27/09/2019 e na tarde de 13/09/2019:

1. “Seu corpo, suas regras. Menos preconceito, mais respeito, amor e conscientização. Por uma sociedade menos machista” (1º e 2º ano manhã);
2. “Ame seu corpo do jeito que ele é. O seu corpo é a sua casa, escolha bem as suas visitas!” (2º e 3º ano manhã);
3. “Não é certo divulgar fotos íntimas dos outros, isso magoa as pessoas” (2º e 3º ano manhã);
4. “Sinta a dor do seu próximo, tenha empatia! Espalhe mais amor. Seja forte! Você não está sozinho. Se ame do jeito que você é! Palavras machucam, tenha cuidado” (2º e 3º ano manhã);
5. “Numa sociedade que lucra com a insegurança feminina, amar seu corpo é um ato de... Rebeldia” (2º ano manhã);
6. “Antes de compartilhar conteúdo eróticos, pare, pense, reflita: Por uma sociedade mais empática” (1º, 2º e 3º ano manhã);
7. “Todos nós temos um corpo de diferentes formas, você não precisa de envergonhar do seu corpo” (2º ano manhã);
8. “É a minha vagina, e ninguém tem nada a ver com isso!” (3º ano manhã);

9. “Cuidado! Conteúdo sexual só para pessoas ÍNTIMAS. Espalhe amor, e não NUDES” (1º ano manhã);
10. “A sexualidade no cotidiano não pode ser vista como um tabu!” (1º e 3º ano manhã);
11. “Antes de trocar mensagens sexuais, observe a quem tá confiando pois alguns só querem te humilhar!!!” (2º ano tarde);
12. “Vão querer te diminuir, mas não se deixe levar, todos nós sabemos o que é conteúdo sexual e quem não mandou vai mandar. Cuidado com quem for expor sua intimidade!” (2º ano tarde);
13. “Unidos somos mais fortes. Não faça para os outros o que você não quer para si mesmo.” #NãoAoPreconceito (2º ano tarde);
14. “Não tire conclusões precipitadas para não cometer erros e nem magoar as pessoas!!!” #NãoAoPreconceito (2º ano tarde);
15. “NÃO AO NUDES. Mande nuds do seu coração, que do resto já cansei”(1º ano tarde);
16. “Tome cuidado ao expor sua PRIVACIDADE” (2º ano tarde);
17. “Confiança. União. Não se deve confiar em todo mundo! Se amem! Se alguém for capaz de confiar em você ao ponto de te mandar algo íntimo, não seja FDP a ponto de estragar essa confiança” (3º ano tarde).

Por meio dos conteúdos apresentados nos cartazes, muito embora seja possível identificar as percepções das/dos estudantes acerca do *sexting*, demonstrando-se referências ao autocuidado, à importância da confiança, da privacidade, ao respeito por todos os corpos, pela negação dos preconceitos, pela valorização da união e das mulheres, é possível observar que, como supracitado, defendido por Willard (2011), os/as mesmos/as não possuem habilidade biológica de prever as consequências negativas de práticas como o *sexting*. Wanzinack (2014) também compactua com esta linha de pensamento e elucida sobre os perigos da prática, ainda que seu intuito seja uma troca privativa.

Houve, entretanto, a revelação de posturas reflexivas, éticas, indicações de respeito pelas intimidades das pessoas e pela expressão da sexualidade com cuidados, que, muitas vezes, não são esperadas de adolescentes.

4 CONCLUSÕES

Através deste estudo qualitativo foi possível compreender a necessidade de debate acerca do *sexting*, visto que este hábito está presente em 73.49% dos/das alunos/as pesquisados/as, sendo possível que estes usuários e usuárias ainda não tivessem avaliado os danos e riscos aos quais se submetem através destas trocas de mensagens com conteúdo sexual.

É importante ressaltar que a educação sexual na escola, numa perspectiva emancipatória e do respeito, pode contribuir com a forma de lidar com temas relevantes para a sexualidade e ainda considerando que existem diversas lacunas a serem tratadas como gravidez na adolescência, infecções sexualmente transmissíveis, abuso sexual, corpo, menstruação e métodos contraceptivos, entre outros temas, no intuito de ajudar aos adolescentes para que tenham maiores chances de lidar com seu próprio corpo, estando mais propensos ao autoconhecimento e a quebrar os tabus sexuais.

Portanto, é possível concluir com esta pesquisa que as questões do *sexting* e da sexualidade, podem ser tratadas com responsabilidade pela escola, sendo este o ambiente onde, por vezes, o adolescente sente-se mais confiante para se abrir ao diálogo, uma vez que não está coberto pelos dogmas familiares aos quais é exposto diariamente. A/o adolescente estará mais preparado/a para se entender com a própria sexualidade e temas relacionados e até mesmo para não exposição de seus corpos e vidas privadas, a partir da participação em atividades de reflexão na escola.

Enfim, notou-se que os/as adolescentes pesquisados evidenciaram preocupações com o entorno, seja na forma do convívio social, seja com o debate de pautas atuais e relevantes em uma expressividade maior do que a percepção acerca da vulnerabilidade pela divulgação de conteúdo sexual e erótico, indicando a importância do aprofundamento de estudos sobre o *sexting* e suas consequências.

REFERÊNCIAS

ALVES, Vanessa Lima. **Pornografia de vingança: aspectos normativos e necessidade de tipificação**. Monografia em Direito. Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente – SP. São Paulo. 2017.

AUGUSTINA, J. R. E.; GÓMEZ Duran. **Sexting: research criteria of a globalized social phenomenon**. Springer Science+Business Media, New York, 2012. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-012-0038-0#page-1>. Acesso em: 14 de Jun.2020

BARIONI, P; LARA, B.; MALAQUIAS, T.; MOURA, G.; RANGEL, B. **Meu Amigo Secreto: feminismo Além das Redes**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.
BARROS, S. D. C. Discutindo sobre Sexting. Revista Diversidade e Educação. Rio Grande - RS: Joanalira Corpes Magalhães: 02 p. 2013. Disponível em: <https://sexualidadeescola.furg.br/phocadownload/revista%20sexualidade%20e%20educacao%20%20site.pdf>. Acesso em: 07 de Abr. 2021

BONFIM, Cláudia. **Desnudando a Educação Sexual**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Em Tese, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 05 de Fev. 2020.

BORRILLO, Daniel. **A homofobia**. Tatiana Lionço; Debora Diniz. Homofobia e Educação, LetrasLivres, 2009, 978-85-9870-23-0. fhal-01242485f.

BRASIL. Lei n. 12.737/12. Dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos; altera o **Decreto-Lei no 2.848**, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal; e dá outras providências. Extraído de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112737.htm. Acesso em: 10 de Jun. 2021.

BROCHADO, S; SOARES, S; FRAGA, S. **A Scoping Review on Studies of Cyberbullying Prevalence Among Adolescents. Trauma Violence Abuse** 2016; 18(5):523-531.

BROWN; Jane D.; KELLER, Sarah; STERN, Susannah. **Sex, Sexuality, Sexting, and SexEd: Adolescents and the Media**. Disponível em: http://www-periodicos-capes-gov-br.ez40.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pmetabusc&mn=88&smn=88&type=m&metalib=aHR0cDovL21scGx1cy5ob3N0ZWQuZlZhaWJyaXNncm91cC5jb20vcHJpbW9fbGlicmFyeS9saWJ3ZWl0aW9uL3NlYXJjaC5kbz9kc2NudD0wJmZyYmc9JnNjcC5zY3BzPXByaW1vX2NlbnRyYWxibXVsdGlwbGVfZmUmdGFpPWRlZmF1bHRfdGFjJmN0PXNlYXJjaCZtb2RlPUJhc2ljJmR1bT10cnVlJmluZlZg9MSZmbj1zZWYy2gmdmlkPUNBUEVT&buscaRapidaTermo=sexting&x=28&y=5. Acesso em: 11 de Maio. 2020.

BUZZI, Vitória de Macedo. **Pornografia De Vingança: Contexto Histórico-social e abordagem no direito brasileiro.** Monografia em Direito. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis - SC. 2015.

CABRAL, F.; DÍAZ, M. **Relações de gênero.** In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. p. 142-150.

COUTINHO, Gustavo Leuzinger. **A era dos smartphones: um estudo exploratório sobre o uso dos smartphones no Brasil.** 2014. 60 f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

DRUMOND, M. P. **Elementos para uma análise do machismo.** Perspectivas, São Paulo, 3: 81-85, 1980.

FERNÁNDEZ, J. F. **Sexting, sextorsão e grooming.** In C. N. Abreu, E. Eisenstein & S. G. B. Estefenon (Orgs.) Vivendo esse mundo digital: Impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais (pp. 72-92). Porto Alegre: Artmed. 2013. ISBN 978-85-65852-95-1.

FIGUEIREDO, Camila Detoni Sá de. **Adolescentes na Sociedade do Espetáculo e o Sexting: Vulnerabilidade, alertas, desafios, caminhos a seguir.** Curitiba, Paraná: CRV, 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: Vol.1 A vontade de saber.** 3ªe.d. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos.** 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume VII. Imago Editora. 2006. Rio de Janeiro.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LARA, Ângela Mara de Barros; MOLINA, Adão Aparecido Molina. **Pesquisa Qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias.** Ciência & Saúde Coletiva, 23(10):3369-3379, 2018.

LEAL, Tatiane. **O sentimento que nos faz irmãs: construções discursivas da sororidade em mídias sociais.** Dossiê Crise, Feminismo e Comunicação - <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>. v. 23, n. 3, 2020.

LINS, Beatriz Accioly. **“Ih, vazou!”: pensando gênero, sexualidade, violência e internet nos debates sobre “pornografia de vingança”.** Universidade de São Paulo. Cadernos de campo. São Paulo, n. 25, p. 246-266. 2016. DOI 10.11606/issn.2316-9133.v25i25p246-266

LOURO, Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MANOEL, Diego Franco *et al.* **Sexting e adolescência**: a emergência de novos temas para a psicologia do desenvolvimento. Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 21, n. 1, p. 37-50, jun. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 30 nov. 2020.

PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M. **Oficinas pedagógicas**: relato de uma experiência. Revista Conjectura. V. 14, n. 2, p. 77 – 88. Caxias do Sul: maio/ago, 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/16/15>. Acesso em:

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REVISTA Diversidade e Educação [recurso eletrônico] / **Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Rio Grande**. v.1, n.2 (Jul./Dez.2013). Rio Grande, 2013. Periodicidade Semestral. Disponível em: <http://www.revistadiversidadeeducacao.furg.br/index.php/ct-menuitem-1.html>. Acesso em: 18 de Fev. 2021.

RINGROSE, J.; GILL, R.; LIVINGSTONE, S.; & HARVEY, L. **A qualitative study of children, young people and ‘sexting’**: A report prepared for the NSPCC. London: Institute of Education University of London; King’s College London e London School of Economics and Political Science. 2013.

SAFERNET. **Brincar, estudar... e navegar com segurança na Internet!**. SaferNet Brasil, (2010). Disponível em: <http://www.safernet.org.br/site/sites/default/files/cartilha-site.pdf>. Acesso em:

SAFERNET. Infográfico: **Você navega com segurança?** SaferNet Brasil, [2012]. Disponível em: <http://divulgue.safernet.org.br/banners/infografico.png>. Acesso em:

SCREMIN, S. F. **SEXTING: Perigos na internet, um estudo de caso com acadêmicos/as na UFPR – Setor Litoral** (2016). Manuscrito não publicado. Retirado de <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/44887/Sanderson%20de%20Freitas%20Scemin.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

SOUZA, Lara; LORDELLO, Sílvia Renata Magalhães. **Sexting e Violência de Gênero entre Jovens**: Uma Revisão Integrativa de Literatura. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 36, e3644, 2020. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722020000100503&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 30 nov. 2020.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Três enfoques na pesquisa em ciências sociais**: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987. p. 31-79.

VASCONCELOS, Adaylson Wagner Sousa de. **Ciências jurídicas**: fundamentação, participação e efetividade 2. Editora Atena. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

YANG, YT; GRINSHTEYN, E. **Safer Cyberspace Through Legal Intervention: A Comparative Review of Cyberbullying Legislation: Safer Cyberspace Through Laws.** World Medical & Health Policy 2016; 8(4):458-477.

WANZINACK, Clóvis; SCREMIN, Sanderson Freitas. **Sexting: comportamento e imagem do corpo.** Divers@!, v. 7, n. 2, 2014.

WILLARD, Nancy E. **Sexting and Youth: Achieving a Rational Response.** Journal of Social Sciences, v. 6, n. 4, p. 542-562, 2010.

http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=R__hfWbE3DwC&oi=fnd&pg=PA151&dq=sexting&ots=xgFY_KWBBG&sig=OUwvJxT8HwSASuFuIv5OquCyJUM - v=onepage&q=sexting&f=false. Acesso em: 17 de Maio. 2021.

WILLARD, Nancy E. **School Response to Cyberbullying and Sexting: The Legal Challenges,** 2011 BYU Educ. & L.J. 75 (2011).

ZYCH, I.; ORTEGA, Ruiz R.; DEL REY, R. **Systematic review of theoretical studies on bullying and cyberbullying: Facts, knowledge, prevention, and intervention.** Aggression and Violent Behavior. 23:1-21. 2015.

APÊNDICES

Apêndice A – Primeiro questionário



Universidade Federal da Paraíba
 Centro de Ciências Agrárias
 Departamento de Ciências Fundamentais e Sociais
 Gênero e Sexualidade em Debate: Educação em Direitos, pelo fim da violência
 PROBEX-2019

Coordenadora Prof. Dra.: Anita Leocádia Pereira dos Santos

DATA __/__/__ Turma: _____ Turno: _____

Sexo: _____ Idade: _____

Ao responder esse questionário, você irá colaborar com o trabalho de conclusão de curso-TCC “Questões de sexualidade na adolescência” de Mylena orientada pela professora Dr^a Anita Leocádia Pereira dos Santos.

1. Quais as dúvidas que você tem sobre sexualidade? Cite duas:

1^a. _____
 2^a. _____

2. Você já enviou mensagens com conteúdo sexual ou “nudes”?

Sim () Não ()

3. Você já recebeu mensagem com conteúdo sexual ou “nudes”?

Sim () Não ()

4. Você já utilizou algum aplicativo de relacionamento?

Sim () Não ()

5. Você já conheceu, alguém com quem teve relacionamento por, meio de aplicativos ou redes sociais?

Sim () Não ()

6. Você pode vir à escola no contra turno de aulas, para participar de uma atividade de educação sexual?

Sim () Não ()

Agradecemos a sua colaboração!

Apêndice B – Segundo questionário



Universidade Federal da Paraíba
 Centro de Ciências Agrárias
 Departamento de Ciências Fundamentais e Sociais
 Gênero e Sexualidade em Debate: Educação em Direitos, pelo fim da Violência
 PROBEX- 2019.

Coordenadora Dr^a: Anita Leocádia Pereira dos Santos

Letras Iniciais do Nome: _____

Ano: _____ Turma: _____

Sexo () Masculino () Feminino.

Idade: _____ Cor: _____

Data: ___/___/___

Atividade

Após ver o quinto episódio da série “*Sex Education*”, responda:

1. O que mais chamou a sua atenção no episódio?

2. Em sua opinião, qual a principal mensagem do episódio?

3. Sobre o envio de mensagem com conteúdo sexual, a sua opinião é:

() Favorável

() Contrário

Por quê?

4. Você conhece alguém que teve sua mensagem, com conteúdo sexual, compartilhada indevidamente?

() Sim

() Não

5. Você possui aparelho celular *smartphone*?

Sim ()

Não ()

6. Você tem acesso à internet por qual meio de comunicação?

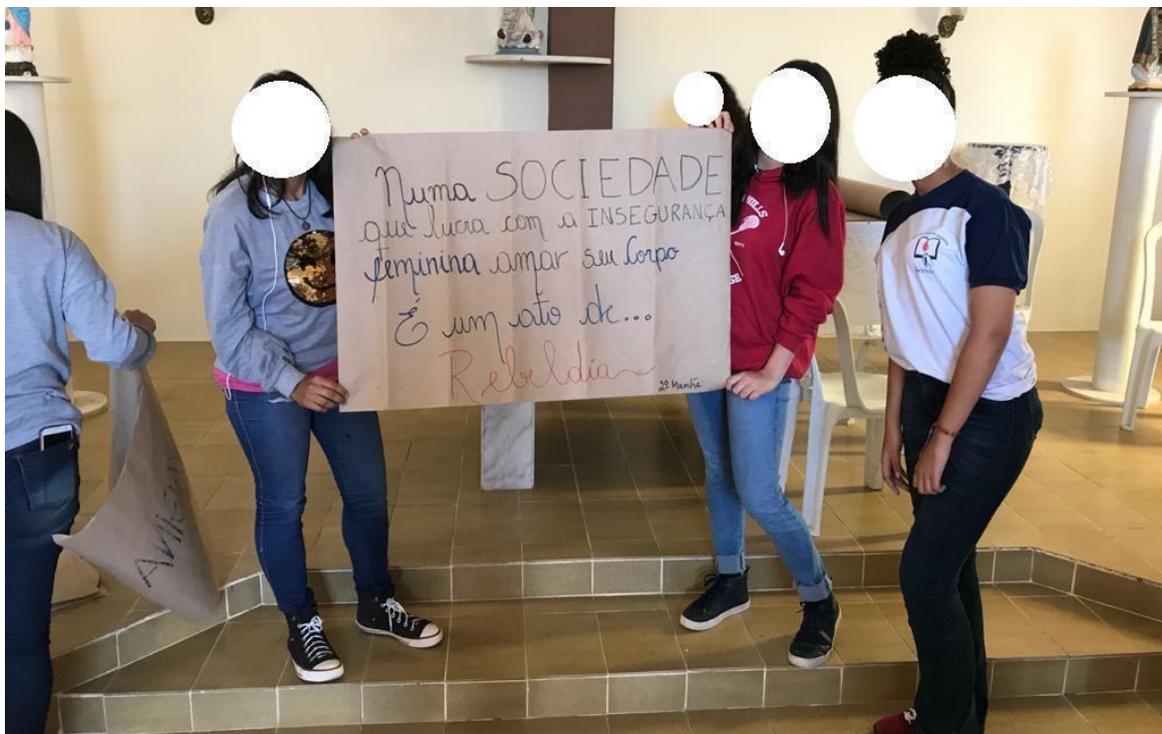
Celular ()

Computador ()

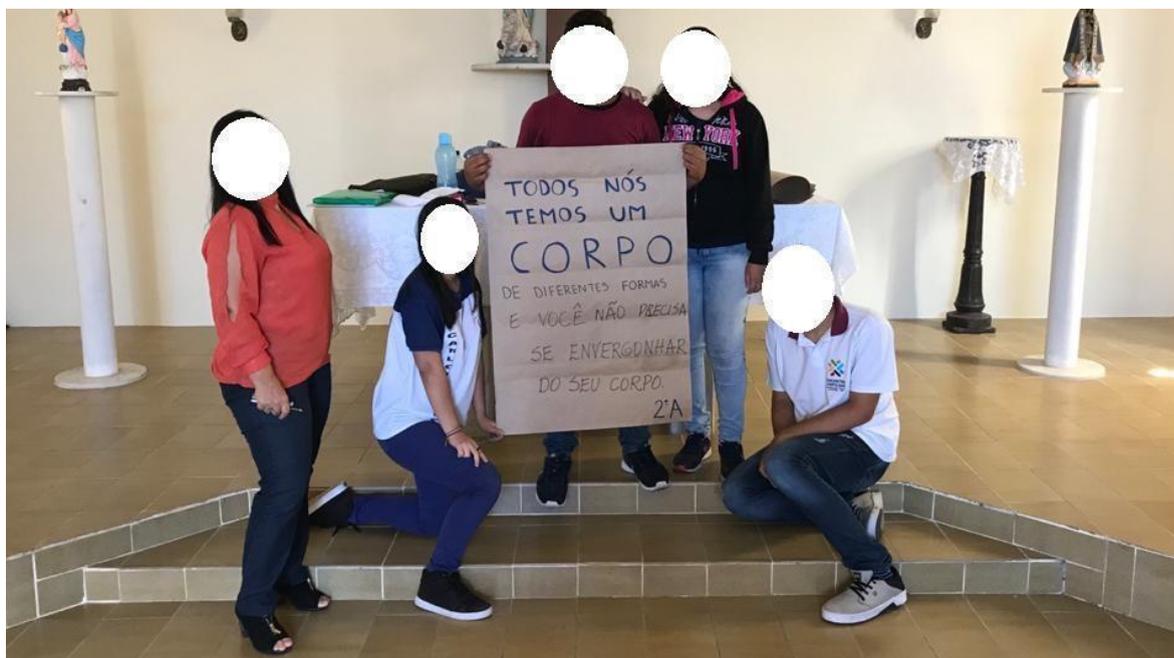
Outro: _____

Agradecemos a sua participação!!!

Apêndice C – Imagem do primeiro cartaz elaborado pelos alunos do turno da manhã



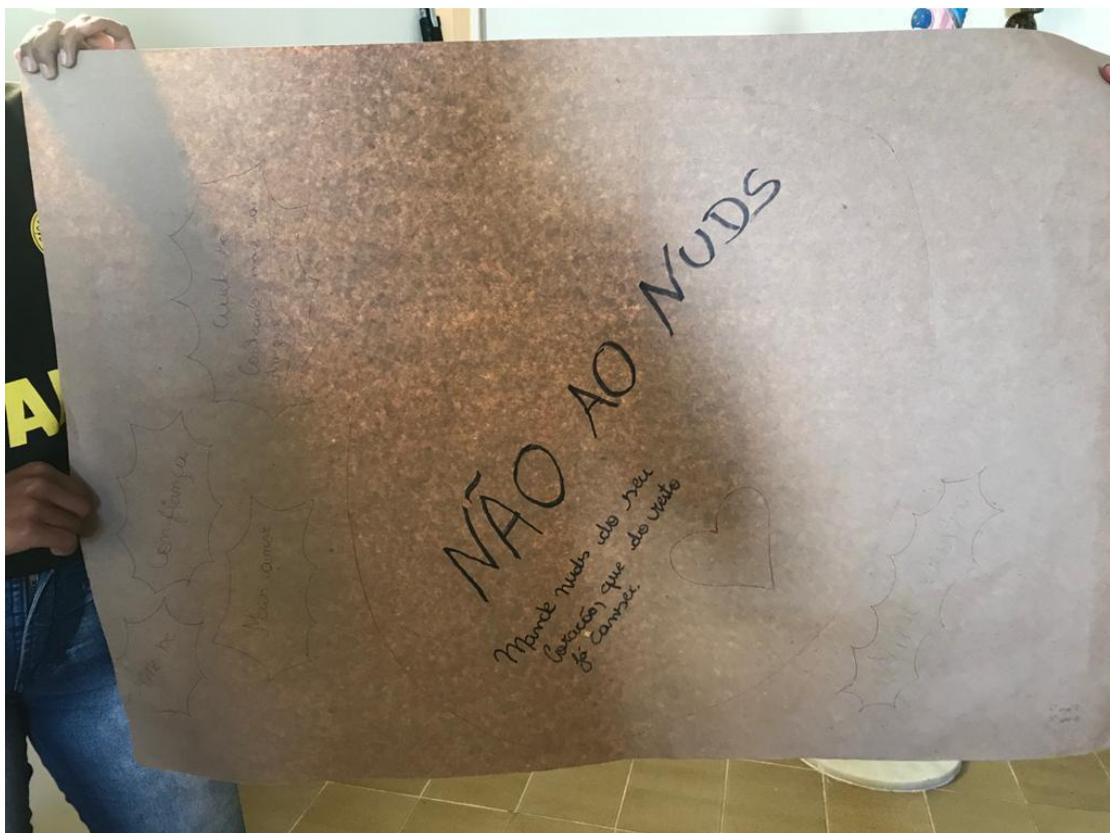
Apêndice D – Imagem do segundo cartaz elaborado no turno da manhã



Apêndice E – Imagem do terceiro cartaz elaborado no turno da manhã



Apêndice F – Imagem do primeiro cartaz elaborado no turno da tarde



Apêndice G – Imagem do segundo cartaz elaborado no turno da tarde

